

RECORTE - REVISTA DE LINGUAGEM, CULTURA E DISCURSO

Ano 4 - Número 6 - Janeiro a Junho de 2007

[início](#)

O CARNAVAL CARIOCA DO SÉCULO XIX NA VISÃO DOS VIAJANTES ESTRANGEIROS

Fred Góes
UFRJ

ABSTRACT – Leaving of foreign travelers' observations like Edouard Manet and Jean Baptiste Debret, the work makes an exam of the carnival manifestation from Rio de Janeiro in the XIX century, trying to establish the relationship between those manifestations and the social configuration from the city in that time. In this panorama, it stands out the desire of the carioca leading circles to accomplish the carnival celebrations on the same way as they happened in Europe.

O carnaval é, sem dúvida, campo fértil para o exame da configuração social da cidade do Rio de Janeiro, no século XIX. Por caracterizar-se como momento em que a ordem cotidiana é suspensa, em que as fronteiras das relações pessoais se reorganizam, ou melhor, desorganizam, além de ter como marca uma cadência temporal e uma cartografia espacial excepcionais, o carnaval foi sempre objeto de interesse dos viajantes que por aqui aportaram. Está grafado nos cadernos de viagens, em cartas e na memória de inúmeros deles, como J. B. Debret, D. P. Kidder, Thomas Ewbank, J. C. Fletcher, Ina Von Bizen, Edouard Manet, Ferdinand Denis, entre outros.

É sabido que a manifestação que denominamos hoje de carnaval só começa a se configurar como tal na segunda metade do século XIX, tendo sido estabelecido como marco histórico, pelos estudiosos, o desfile da primeira Grande Sociedade que se tem notícia, o *Congresso das Summidades Carnavalescas*, em 1855. Este desfile se destaca na cena carnavalesca brasileira por ser o primeiro gesto proposital, largamente divulgado, investimento da iniciativa privada, com o propósito de dar ao carnaval carioca uma feição “civilizada”. Entenda-se aqui tal conceito com o sentido de expressão carnavalesca ao sabor europeu, especialmente aos modos parisienses, em que no lugar dos limões de cheiro e da farinha atirados a esmo nos transeuntes, característicos do entrudo de rua, como era denominado o festejo carnavalesco, considerado bárbaro pelas elites. Na nova forma de celebração ofereciam-se flores, confetes e serpentinas: substituía-se a grosseria pela delicadeza. O corre-corre desvairado dos escravos, senhores absolutos dos espaços públicos, então, dava lugar a um passeio ou desfile em carros alegóricos ao sabor dos triunfos reais, fonte de inspiração da burguesia

francesa do período pós-revolucionário, ou do *corso* romano, como prefere José de Alencar em crônica de 14 de janeiro de 1855, em que anuncia:

Muitas coisas se preparam este ano para os três dias de carnaval. Uma sociedade criada o ano passado, e que conta já perto de oitenta sócios, todos pessoas de boa companhia, deve fazer no domingo a sua *grande promenade* pelas ruas da cidade. A riqueza e o luxo dos trajes, uma banda de música, as flores, o aspecto original desses grupos alegres, hão de tornar interessante esse passeio dos máscaras, o primeiro que se realizará nesta corte com toda a ordem e regularidade.

Quando se concluir a obra da Rua do Cano, poderemos então imitar, ainda mesmo de longe, as belas tardes do *Corso* em Roma. (ALENCAR, 2004, 198-199)

Neste pequeno trecho selecionado, Alencar nos permite ler alguns aspectos bastante relevantes do que ele entende, como representante privilegiado das elites, inclusive com voz nas folhas diárias, como carnaval civilizado, acompanhando-lhe a ordem em que cita. A sociedade era já formada por oitenta sócios, diz ele, “de boa companhia”, numa clara alusão de que se tratava de um grupo de pessoas com boa qualificação social e que, naturalmente, se opunha ou contrastava com os grupos que ocupavam habitualmente as ruas então. Grupos formados por escravos em sua grande maioria. A riqueza dos trajes reafirma o contraste com as roupas ou fantasias, se é que se pode chamar assim, os trapos ou andrajos com que se cobriam os foliões de rua. Indica ainda Alencar que a sociedade seria acompanhada de uma banda de música. Aqui, vale observar que no período em que predominava o entrudo, a música que se ouvia nas ruas era a dos batuques e dos cucumbis africanos e que mesmo a música executada pela banda que acompanharia a Grande Sociedade em nada se assemelhava à música de carnaval como conhecemos hoje. Executavam-se polcas, valsas, os grandes sucessos da época, canções do teatro de revista. Não nos esqueçamos que só em 1899, portanto, quarenta e quatro anos mais tarde, será composta a primeira música especialmente para o carnaval, “O Abre Alas”, de Chiquinha Gonzaga, por encomenda do popularíssimo Cordão Rosa de Ouro. Finalmente, Alencar nos indica que durante o desfile serão oferecidas flores aos espectadores, atitude absolutamente oposta à tradição “entrudescas” que tem, entre suas marcas mais vigorosas, a guerra dos limões de cheiro.

Sem nos preocuparmos em obedecer a uma cronologia rígida, preferimos dialogar com os viajantes, pontuando as observações que julgamos relevantes. Com relação aos limões de cheiro, destaco o que observa o jovem Edouard Manet, que mais tarde tornar-se-ia um dos mais destacados pintores impressionistas, em carta a sua mãe datada de 5 de fevereiro de 1849, durante sua estada no Rio de Janeiro, período em que esteve embarcado no navio-escola *Hâvre et Guadeloupe*, na Baía de Guanabara, a serviço da Marinha francesa:

O carnaval no Rio tem aspectos especialíssimos. No domingo gordo passei todo o dia pela cidade. Às três horas da tarde todas as mulheres brasileiras põem-se à porta ou às janelas de suas casas ou então nas sacadas a atirar a todos os senhores transeuntes bombas de cera de todas as cores, cheias d'água e aqui chamados “limons”. (*apud* PEREIRA, 1994, 30)

Chama atenção do jovem viajante o fato das mulheres virem às portas e às janelas durante o carnaval em virtude de já ter observado em carta anterior à mãe que a cidade, durante o resto do ano, parecia uma cidade d'África, já que transeuntes brancas eram pouco vistas nas ruas. Observa Manet:

Pelas ruas vêem-se somente negros e negras, pois os brasileiros saem pouco, e as brasileiras, menos ainda. As mulheres podem ser vistas somente quando vão à missa ou depois do jantar, ao entardecer, quando aparecem nas suas janelas. Nessas ocasiões, é possível olhá-las sem nenhum impedimento. Durante o dia, ao contrário, se por acaso alguma delas é avisada na janela e percebe que está sendo observada, imediatamente se retira. (MANET, 2002, 76-77)

Mais adiante, na mesma carta, salienta o jovem navegante:

As mulheres aqui nunca saem sós, mas sempre acompanhadas de suas negras ou de seus filhos, já que se casam com 14 anos ou menos. (MANET, 2002, 77)

Fica evidente, portanto, a excepcionalidade do período carnavalesco, no concerne ao comportamento das mulheres. Sublinhe-se ainda que a palavra “mulher” refere-se exclusivamente às brancas.

Outro viajante, também francês, Benjamin Gastineau, um pouco mais tarde, em 1855, ao comentar o carnaval carioca chama atenção para duas questões que me parecem relevantes. A primeira, o fato da brincadeira do entrudo não se limitar aos limões de cheiro, mas também o uso das poderosas seringas de flandres que encharcavam as vítimas das molhadelas. A segunda, e mais importante, é sublinhar que durante o carnaval a fronteira entre o espaço público e o privado se desloca, tornando-se, em muitos casos, quase desaparecida, ao afirmar que a vítima das molhadelas tem direito de revidar, mesmo entrando na casa do atacante. A descrição de Gastineau traz também um dado bastante curioso quanto à tenuidade da demarcação entre o entrudo de rua e o doméstico, claro está quando praticado por brancos, da mesma classe social, incluindo-se as mulheres. Observa o viajante:

O Carnaval do Rio de Janeiro (Brasil) não possui nada de muito curioso; sua brincadeira mais espirituosa consiste em regar os passantes por meio de pequenas seringas; é verdade que a pessoa que for molhada tem o direito de entrar na casa de onde partiu a ducha e de devolver, mesmo às mulheres, cada gota d'água que recebeu. As elegantes brasileiras se utilizam, para esta recreação, de bolas ocas ou pequenas seringas cheias de água perfumada. (*apud* FERREIRA, 2005, 57)

Sabe-se que as vítimas preferidas do entrudo eram os estrangeiros no sentido pleno, os estranhos à brincadeira que desavisados portavam suas reluzentes cartolas pelo centro da cidade nos dias de folia.

Uma das histórias que já fazem parte do anedotário carnavalesco carioca tem como personagem principal um dos mais destacados membros da missão francesa, chegada então à capital metropolitana em 1816. O arquiteto francês Grandjean De Montigny teria falecido de pneumonia em decorrência de um ataque de que fora alvo nas ruas da cidade em dia de carnaval.

Na crônica “Carnaval e morte”, Olavo Bilac faz uma citação de Ferdinand Denis que descreve sem meios tons a fúria dos ataques aos portadores de

cartola. Destaca o cronista:

Logo que alguém aparecia, era no mesmo instante acometido, e ficava ensopado no espaço de um minuto; o seu chapéu se tornava então um alvo, a que se dirigiam milhares de bolas de cera. Se o paciente, não vendo já o agressor, tinha a desgraça de parar e tirar o chapéu para enxugá-lo, alguma desavisada rapariga, oculta atrás de uma das janelas dos andares superiores, chegada com uma bacia d'água, que sobre a cabeça lhe espargia: se para o lado oposto se volvia, recebia nova dose, e, se no meio da rua se detinha, era acometido por um duplicado dilúvio.

Nas lojas, e atrás das portas das habitações, estavam escondidos com seringas, e grandes gamelas cheias d'água, com que sem descanso uns aos outros se molhavam: e de tal modo o faziam, que a rua ficava por fim inundada de uma a outra extremidade, como se fosse um prolongamento da baía. As raparigas brasileiras são naturalmente melancólicas, e vivem retiradas; porém, quando chega o estruendo, parecem haver completamente mudado de caráter, e, por espaço de três dias, esquecem sua gravidade, e natural acanhamento, para ao folguedo se darem. Algumas vezes as vimos sobre quem passava lançar tanta abundância d'água, e tamanha quantidade de bolas de cera, que então cobriam aqueles contra quem se arremessavam. Este sistema de inundação geral tão longe se leva, que uma gazeta já seriamente se queixou de que os chafarizes podiam chegar a esgotar-se. Segundo a opinião do redator, os habitantes iam achar-se, por sua fátua prodigalidade, privados de um dos objetos mais necessários à conservação da vida... (*apud* BILAC, 2007, 143)

Outro representante da missão francesa que também pontua os hábitos carnavalescos nas ruas da cidade é Jean Baptiste Debret, que sublinha o fato de ter visto o desfile de blocos ou cordões em que se destacavam os negros fantasiados de “velhos europeus”, com suas cabeçorras de *papier maché* e que arremedavam criticamente o comportamento cortês. Diz ele:

...vi durante minha permanência, certo carnaval em que alguns grupos mascarados e fantasiados de velhos europeus imitaram-lhes muito jeitosamente os gestos ao cumprimentar à direita e à esquerda as pessoas instaladas nos balcões; eram escoltados por alguns músicos também de cor e igualmente fantasiados. (DEBRET, 1834-39)

Os bailes carnavalescos foram introduzidos na cidade pelos estrangeiros, que pouco a pouco foram moldando as comemorações carnavalescas cariocas ao sabor do que ocorria no Velho Mundo. O primeiro baile mascarado de que se tem notícia foi o realizado por iniciativa de uma italiana proprietária do Hotel Itália, em 1840. A partir deste, vários outros se realizaram em teatros, como o que teve lugar no Teatro São Januário, por iniciativa da atriz Clara Delamastro, em 1846, que incitou a realização de vários outros, especialmente por parte da colônia francesa e das sociedades privadas. A moda caiu no gosto carioca, o que pode ser comprovado pelas festas promovidas, alguns anos mais tarde, pelo Alcazar Lyrique, que instituía um valioso prêmio para a modista que fizesse a fantasia mais bonita e original. E nesse gênero de confecções, teve grande destaque uma modista francesa, a famosa Mme. Niobey, estabelecida à

rua do Ouvidor.

Como se pode observar, diferentemente do que percebe o jovem Manet nas ruas, nos salões o Rio começa a querer se mascarar de Paris tropical mesmo antes de Alencar “botar seu bloco na rua”, ou melhor dizendo, promover o desfile triunfal do Congresso das Sumidades Carnavalescas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALENCAR, José. *Ao Correr da Pena* . FARIA, João Ribeiro ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BILAC, Olavo. Carnaval e morte. In: GÓES, Fred (org.). *Brasil, mostra a sua máscara* . Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

DEBRET, Jean Baptiste. *Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou séjour d'un artiste français au Brésil depuis 1816 jusqu'a 1831*. Paris: Firmin Didot, 1834-39. 3 t.

FERREIRA, Felipe. *Inventando Carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GÓES, Fred (org.). *Brasil, mostra a sua máscara* . Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

MANET, Edouard. *Viagem ao Rio: cartas da Juventude 1848-1949*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2002.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Carnaval das Letras* . Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Div. Editoração, 1994.